

“Um quarto na cidade com
uma parede disponível”

Cecília Corujo

Luís Silveirinha

Neuza Matias

Pedro o Novo

**um quarto
na cidade
com uma parede
disponível**

**CECÍLIA CORUJO
LUÍS SILVEIRINHA
NEUZA MATIAS
PEDRO O NOVO**

Curator
ORLANDO FRANCO

I

A cidade está cheia- cheia de gente, de ruas, de gente, de casas. Cheia de tudo. É difícil encontrar o vazio. Ou talvez se encontre, na cidade cheia, nas gentes e nas ruas- nas casas. As casas parecem vazias. Vazias e cheias ao mesmo tempo. Faltam quartos. Haverá na cidade, um quarto a mais, com algum espaço disponível? Não há quartos, só paredes! Uma parede disponível, serve?

Sei que não pode ser qualquer parede. É importante saber escolher, queremos sempre mais, e poder escolher é um luxo que nem sempre ocorre. Muitas vezes, é a parede disponível que nos escolhe; sou envolvido pela sua disponibilidade, pelo seu convite. Estes convites, costumam ser inequívocos e deixam pouca margem para hesitações.

Não é fácil colaborar com uma parede disponível- que ao contrário de um quarto, não é uma parede qualquer.

II

As crianças avançam rápido, não pedem licença. As paredes já sabem o que lhes espera, concedem.

A relação continua ativa pelo tempo. Jovens adolescents, com cabeças complicadas. Procuram nas paredes disponíveis alguma desorientação, vão colando imagens, desenhos, fotografias, cartazes- tudo arrancado á força das suas cabeças, de tal forma que, muitas vezes essas paredes transformam-se nos seus melhores amigos.

III

Pode uma exposição ser um encontro entre paredes? Uma parede. Superfície vertical que serve de suporte para a impressão de sonhos. Quatro artistas.

Nos sonhos pictóricos de Neuza Matias, as paredes são transparentes e moldam-se à textura do céu. As partículas de cor são armas numa luta persistente contra a opacidade. Nuvens que se desenham no espaço onde habitam as mais livres figuras coloridas.

Um palco na parede ou uma parede-palco permite que Cecília Corujo sussurre palavras e sons que se convertem em rostos que se observam mutuamente, num olhar de cuidado e atenção. Os sons e as palavras são resgatados das paisagens e convertidos em melodias que interrompem o seu próprio pensamento.

Formas e gestos em explosão são evidentes ações vibrantes dos desenhos de Luís Silveirinha. Não existe um centro para um movimento em desequilíbrio. A parede estanca os desenhos para que os possamos contemplar. São como forças inertes, imóveis por um instante. O quarto é um lugar de mudança, de segredos e de traumas. Um confronto com os conflitos da adolescência permitem a Pedro O Novo uma viagem de reflexão pelo Teatro da memória. As escolhas e as ilusões que não se mostram. Letras de canções apagadas são artifícios que marcam o propósito de passagem. A partilha dessa experiência, é uma despedida sonora que transforma em imagem.

IV

A cidade continua cheia.



























